

O ESPECTRO

SEMANARIO POLITICO

Biblioteca Municipal de Lisboa
 Direcção Municipal da Cultura
 Departamento de Acção Cultural
 Divisão da Rede de Bibliotecas
 Câmara Municipal de Lisboa

Uma epoca de fome!

A CARESTIA DO PÃO

É terrível a situação do paiz!

A breve trecho, a **fome**, essa horrorosa *pieuvre*, alastrará os seus tentaculos horriveis, por toda a superficie do territorio lusitano, esta terra de heroes e de monstros, — de Vasco da Gama e de Marianno de Carvalho, do Marquez de Pombal e de José Luciano de Castro, *bacôco* da presidencia ministerial, Napoleão de cebo, *funtoche* da governação do Estado!

Isto é uma prophesia e um grito de alarme!

E' tremenda a responsabilidade do governo, e desesperadissima a actual situação de todo o paiz.

A **fome**, a **negra fome maldita**, vae entrar pelos nossos lares dentro, pelo seio das nossas familias, vae alastrar-se medonhamente, e amanhã as consequencias dos desvarios e das poucas vergonhas do governo, serão de estremecer!!!

O governo, que tem vivido uma vida miseravel de **crápula** e de **roubo**, imaginando negociatas rendosissimas, emprestimos para encher as algibeiras dos amigos, monopolios para fazer embolsar chorudas gratificações, e obras dispendiosissimas para n'ellas ter participação nos grossos lucros dos empreiteiros, — o governo, acaba agora, pelo acto de maior violencia praticado nos ultimos trinta annos de constitucionalismo, de collocar o paiz á beira do tenebroso abysmo da **fome!!!**

Encareceu o pão!

E' a palavra do dia, a palavra fatal que corre de bocca em bocca, de um extremo a outro do paiz.

E o governo imagina socegar os espiritos, atirando pelos seus jornaes a nova funambulesca de que vae crear, **padarias municipais!**

Nem que o paiz todo, sobrecarregado de impostos pesadissimos e vexatorios, podesse estar á espera da phantastica creação d'essas padarias.

Aqui está a situação em que o governo progressista nos collocou!

As **padarias municipais**, são um mytho do ministro da fazenda!

Nada mais.

Então esta gente imagina que d'um momento para o outro, o governo pôde ir fabricar pão para uma população de **trezentas mil pessoas?!?**

E o paiz, é preciso que se pense bem, — não é só a capital.

Onde e como é que o governo pensa arranjar pão — **para todo o paiz?!?**

Ora a verdade pura é que a começar por Lisboa, por toda a parte o pão encareceu, e o povo humilhado e exausto com todos os impostos directos e indirectos, não pôde pagar o pão mais caro.

D'ahi a **fome**, com todos os seus horrores!

Uma grande parte das padarias de Lisboa, e do paiz já augmentaram o preço do pão, de forma, que este genero de absoluta e imprescindivel necessidade, vae ser cerceado á mesa do operario, á bocca das creanças filhas dos jornaleiros de pequenos salarios, vae diminuir ou mesmo desaparecer em muito lar pobre, onde familias inteiras agonisarão talvez, dia a dia, famintas e desesperadas!

Faltava mais esta **pagina negra** para a historia do governo do sr. Marianno de Carvalho!

Faltava mais este facto para mostrar bem claro ao povo, qual o systema de governo, que o ministerio progressista iniciou!

Faltava mais esta desgraça para fazer ver, bem evidentemente, as consequencias que começam a apparecer das infames tramoias e alcavalas governamentais!

A maldição de todo um paiz cahirá inexoravelmente, sobre as cabeças d'estes **sete sceletrados**, que não teem trepidado ante coisa nenhuma, e que, depois de todas as suas maroteiras, põem agora o povo, á beira do abysmo da **fome!!!**

Entretanto o sr. Marianno de Carvalho ha-de rir-se, com os seus botões, porque tem a **barriga cheia**, já soube alapardar as melhores e mais rendosas postas, já se encheu como um ovo, negociando emprestimos, monopolios e impostos!

Que lhe importa que amanhã o povo gema faminto, sobre a enxerga da miseria?

Que lhe importa que amanhã o operario tenha de pôr em almoeda a sua honra, para arranjar dinheiro para comprar pão aos filhos?

Que lhe importa que amanhã as mães vão ins-

crever as filhas nos registos da prostituição do governo civil, a fim de que ellas nas praças publicas, esfomeadas e lividas, se vendam como cadellas, aos argentarios, para lhes darem de comer?

Que lhe importa que amanhã pelas ruas appareçam os cadaveres dos esfomeados, com as faces sinistras e tragicas, contrahidas pela fome?

Que lhe importa que amanhã se lance mão do assassinio, do incesto, e do roubo á mão armada, para cada um, na lucta pela vida, conseguir o bocado de pão, que é oiro?

Que lhe importa que amanhã todo o paiz esteja reduzido a um exercito de salteadores, e se estabeleça a pillagem e o roubo, como meio de vida?

Não lhe importa nada, bem sabemos, porque **salteador** tem sido elle proprio, porque tem sido **assassino** da nossa honra, porque tem sido **ladrao** dos nossos dinheiros!

Aqui está onde nos pode conduzir este estado de coisas.

Pense-se bem n'isto, que é muito serio e muito grave, e o povo que reconheça pelo vigor das nossas palavras, qual o caminho a que o pode levar o governo d'esses **salafriarios pustulosos**, que nos governam com o mais descarado cynismo, e a mais revoltante sem vergonha!

Espanja se o dinheiro do povo em obras inuteis e carissimas, em orgias de Helio gabalo e em negociatas para banqueiros argentarios, augmentam, se os impostos e tornam se os existentes mais vexatorios ainda, criam-se novos emprestimos e fazem-se quantas maroteiras se querem, — e por cima ds tudo isto, — colloca-se o povo á mercê da **fome!!!**

O que é que nos espera?

Um cataclysmo medonho, n'um dia que não vem longe, em que o povo indignado, ha-de esmagar, sem piedade, e calcar aos pés, n'uma praça, os homens e as instituições, — todos os **bandidos... todos os ladrões!!!**

Oxalá que nos enganemos!

Carta ao povo

Publicamos em seguida uma carta, que recebemos d'um nosso illustrado assignante.

É terminante, energica e positiva!

Falla claro!

Abundamos plenamente nas ideias do nosso correspondente.

Urge tomar uma providencia; urge que cada um se ponha em guarda, contra o que poder vir.

O meio que aqui se indica, comquanto não absolutamente o melhor, pode dar bons resultados.

Meditem-n'o os nossos leitores, e ponham-n'o em pratica quando preciso.

Nós tambem lá iremos, se isto continuar assim. Segue a carta:

Sr. Redactor.

«Não sou escriptor, nem jornalista.

«Sou um simples operario, com o vencimento de *oito tostões por dia*, com mulher e cinco filhos, vivendo n'uma pobrissima casa, onde todos apodrecemos dia a dia, por falta de condições hygienicas, e onde todos vemos aproximar-se o momento de, antes de apodrecer-mos, **morrermos de fome!**

Eu pago para o Estado, — contribuição industrial, contribuição municipal, contribuição sumptuaria, contribuição de renda de casas, possuo duas inscrições de cem mil réis, que herdei de meu pae, e pago imposto de rendimento, mais o imposto do sello, mais o imposto do real d'agua, mais os impostos aduaneiros, alem d'outros, — e com todos estes impostos e contribuições, — alem de ter de dar os meus filhos para servirem o rei como soldados, inutilizando-lhes a educação, e tornando os burros de caserna, — os meus *oito tostões*, ficam reduzidos a menos de metade, com que, como já disse, eu, com mais *seis pessoas de familia*, vamos apodrecendo dia a dia, n'uma mansarda das visinhanças de Alcantara, perto do caseiro que tão mau cheiro nos tem dado, e perto das *Obras do porto de Lisboa*, que tão bom dinheiro deram ao sr. Emygdio Navarro!

«Ora certo da lucta, que V. tão brilhantemente encetou e continuará, contra este governo maldito, que nos tem explorado, — eu vou lembrar um alvitre, que indico ao povo, a esse bom e generoso povo, em cujas camadas nasci, e tenho vivido, para conseguir uma medida energica e repressiva contra os abusos do governo, e principalmente, para o caso do pão continuar a encarecer, deixando-nos á mercê da fome, e da desolação.

«Este estado de coisas é o mais horroroso possível. Avisinha-se a fome. E o governo não se importa, que o povo *morra á fome!*

«Dentro em pouco, os echos das vozes de angustia e desolação, se farão sentir em todo o paiz.

«Para antes d'isso, eu lembro o seguinte meio:

«**Constituir-se uma commissão monstro, de muitos milhares de pessoas do povo operario, — trabalhadores, jornaleiros, artistas, industriaes e commerciantes — e irem todos em massa ao paço, fazer ouvir as suas vozes, clamando e gritando contra a terrivel calamidade que nos ameaça, até obrigar quem tem poder, a attender-nos, e a ordenar a expulsão do governo sclerado dos conselhos da corôa, revogando as medidas financeiras, que levaram os moajeiros e os padeiros, a fazerem-nos pagar o pão mais caro!**

«Não sei se o meio será bom. O que sei é que os gritos dilacerantes de cinquenta, ou de **cem mil pessoas**, hão de ouvir-se por força, hão de fazer vibrar o coração do príncipe regente, até attendel-os.

«A não ser assim, a continuar a desgraçada situação em que este governo colloca o povo, a fome hade trazer consequências muito serias, que Deus sabe se chegarão até ao desespero, e á revolução!

Desculpe-me sr. redactor, e creia-me

De V. etc.

Antonio Joaquim Martins

(Segue-se o reconhecimento)

Já são 64!

Sobe já a **64** o numero das padarias, que augmentaram 5 ou 10 réis, o preço do pão!!

Que diz a tudo isto o sr. Marianno de Carvalho?

Naturalmente, na engorda como está, papando os seus optimos jantares, entende que o povo *po-de e deve pagar mais*, e acabar por morrer de fome, ao sol, no Aterro, de barriga para o ar, como os *lazzaroni*.

Mas cuidado!

Os mortos exhalam miasmas venenosos, e veja bem,—olhe que ao passar por junto d'elles, pode cahir fulminado!...

A tramoia do emprestimo

Ainda não está concluida esta maroteira de primeira agua, a que nos referimos mais largamente no nosso ultimo numero.

E para elucidação dos nossos leitores, e do publico ingenuo, que ainda erê nos honestos intuitos do sr. ministro da fazenda—(pouca gente é, lá isso é verdade)—vamos dar uns dados approxima dos de quanto pode render ao syndicato **Marianno—Foz—Mozers & C.** essa grande pouca vergonha do excelso e nunca assas cantado sr. Marianno Cyrillo de Carvalho, fazendeiro-mór d'estes reinos, negociador dos dinheiros do Estado e troca-tintas emerito da publica governação.

As obrigações a emittir são 370:000 que toma das a 459 $\frac{1}{2}$ francos cada uma, dada a hypothese, e immediatamente provavel, do syndicato as ne-

gociar ou vender a 464 $\frac{1}{2}$ francos, dão um lucro certo de, nada mais, nada menos, cinco francos em cada uma, ou réis **trez mil trezentos e trinta contos**, na totalidade!!!

Ora aqui está o bom, o grande, o excelso negocio!

Portanto vê-se de longe a arte e o calculo que levaram o ministro da fazenda a pôr na rua o sr. Burnay, não-lhe abrindo as suas propostas, que davam em resultado para o paiz, ficar o emprestimo muito mais barato, e reverter em favor dos cofres publicos esse fabuloso lucro!

De resto a todas as accusações que a imprensa, em toda a linha, tem feito a esse ministro sa-lafriario, responde o sr. Marianno com chascos ignobeis, chalaças de arrieiro, e evasivas de malandro do Bairro Alto!

Para a gloriosa coroação da sua obra, faltava mais este acto.

E' preciso que cada um se encha, porque isto já não pode dar muito, pensam elles, e não pensam mal.

O peor é o desmanchar da feira, que ha de ser de arripiar os cabellos!...

Entanto o sr. Marianno de Carvalho, como na conhecida tragedia,—**vae mettendo dinheiro na bolsa**...

Por enquanto ainda não a considera absolutamente cheia, e por isso toca a arranjar os bons negocios, a despeito de todos os clamores e de todas as imprecações!

Ahi malandros!...

Boato gravissimo!

Corre com certa insistencia o aterrador boato de que a grande ponte ferrea, intitulada D. Maria Pia, que liga o Porto a Villa Nova de Gaya, e serve aos caminhos de ferro do norte, ameaça ruina.

Ora isto é de uma gravidade enorme, e sobre o governo pesa uma responsabilidade extraordinaria porque não manda vistorisar competentemente aquella obra d'arte.

Todos os dias passam comboios alli, cheios de gente, e a haver, ao que se diz, ruina na ponte deixam-se centenaes de vidas á mercê do acaso!

Isto é muito sério!

Urge que se tomem providencias, immediatas e energicas para este caso, que é de uma gravidade tal, que se deve antepôr a todas as questões politicas ou financeiras.

Primeiro que tudo, a segurança das nossas vidas.

Cumpra ao governo mandar vistoriar *immediatamente* aquella ponte, e depois, conforme o re-

sultado d'essa vistoria, fazer suspender o transitio dos comboios, ou tranquilisar o publico, annunciando pelos jornaes, que a ponte não offerece risco algum.

Ahi fica o aviso.

Não digam que não foi a tempo!

Batalha das flôres

Na *batalha das flôres*, que ultimamente se realisou, disseram todos os jernaes, e nós verificámos *de visu*, que as melhores e mais bem ornadas car ruagens que se apresentaram, foram as dos srs. Marianno de Carvalho e Luciano de Castro!

Ora a proposito lembra-nos o velho caso da rainha santa,—*ao inverso*. Como os tempos mudaram!

N'aquelles tempos, faziam-se transformar as flôres em ouro,—hoje transforma-se o ouro em flôres...

E ainda a proposito:

Não é bom deixar esquecer estas cousas. Como os tempos mudam!... Ninguem diga d'esta agua não beberei!

Imaginem os srs. que ha quatro annos, o sr. Marianno Cyrillo de Carvalho, que então era apenas jornalista e escrevia no *Diario Popular*, e professor da Eschola Polytechnica, com parco ordenado, era um pobretão, descontava os seus vencimentos n'um agiota da rua da Eschola Polytechnica, e vendia livros e recebia emprestimos tambem de um tal José Agostinho da Costa, hoje fallecido! Agora *fia mais fino*: — bota luxo, e vae para Cintra, para a bella pandega, gastar rios de dinheiro em orgias de flôres, e—no resto...

Santo Deus! O que é a gente passar pelo ministerio da Fazenda!

Mas, — como os tempos mudam! E os ventos tambem...

Ainda elles...

Navarro.....	(O CiGano)
S. Januario....	(O EspArtilhado)
Marianno.....	(O InTrujão-mór)
Barros Gomes...	(O JesUita torto)
Beirão.....	(O BicaNca)
Lucianno.....	(O JagOdes)
Macedo.....	(O Cara d'eStanho)

A' ultima hora

Projecta-se organizar um grande meeting, a fim de que o povo se dirija ao paço, a pedir remedio immediato a Sua Alteza o Principe Real, contra o escandalosissimo proceder do governo em todos os negocios publicos, e especialmente na grave questão do pão.

Nós cá estamos para tudo!

A COMPANHIA DE JESUS

CAPITULO IX

Do augmento das rendas dos collegios

(Continuação)

3. Os confessores se não discuidem de perguntar a seus penitentes (contanto que o façam a proposito) qual é seu nome, sua familia, seus paes, seus amigos, seus bens, e depois informarem-se de suas heranças, de seu estado, de sua intenção e da resolução; não a tendo elles ainda tomado, deve se diligenciar que esta se torne favoravel á companhia. A conceber se logo a esperanza de alguma utilidade, porque é fóra de proposito perguntar tudo ao mesmo tempo, lhes ordenem, a fim de alliviar tanto mais a consciencia, para cumprirem uma penitencia que os cure, se confessem; e o confessor cortezmente os convide, para se informar nae repetidas vezes, quanto em uma só occasião elle não póde indagar.

Se isto tiver effeito, e se for mulher, a devem induzir por todos os modos a confessar-se a miude e visitar frequentemente e a igreja; se for homem o induzam a visitar repetidas vezes a companhia, e a familiarisar-se com os nossos.

(Continua.)